



O XUÃO

SEMANARIO DE CARICATURAS E HUMORISTICO: CARICATURISTA SILVA E SOUZA

DIRECTOR E PROPRIETARIO
ESTEVÃO DE CARVALHO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
JULIO DUMONT (ORLANDO)
COMPOSTO, IMPRESSO E LITHOGRAPHADO
NA "EDITORIA" L. CONDE BRAGA, 60 - LISBOA

REDACÇÃO
E
ADMINISTRAÇÃO
R. da CRUZ dos POVAES 84, 3.ª E.
LISBOA

ASSIGNATURAS
ANNO 6000 REIS
SEIS MEZES 3000
TRES MEZES 2000
NUMERO AVULSO 20 REIS
ANUNCIOS. PREÇO CONVENCIONAL.

ANN. 2º

Nº 58

Terça feira, 6 de abril de 1909

O VULCANO DA POLITICA



ENQUANTO EU FÔR VIVO NÃO HÃO DE FALTAR MINISTROS

CHRONICA

Um bom conselho

Eu sou um inimigo irreconciliavel da Monarchia. Além de tantos motivos, pelos quaes me é odiosa, ella tem feito ao meu paiz todo o mal que uma instituição pode fazer a uma sociedade. De uma raça de homens altivos, emprehendedores e audaciosos, creou um systema de nullidade, de chatinagem e de miseria, que são o assombro das consciencias honestas.

Todavia, se eu sou inimigo da instituição, não o sou do individuo que a representa. A Monarchia não me merece respeito; merecem'o o rei. Todos os homens o merecem; e um rei participa um pouco da natureza do homem, a ponto de nós, por um principio de solidariedade humana, procurarmos consolar-o, aconselhal-o e indicarlhe, sem pretensões a Julio de Vilhena, o que intendemos ser o dever na presente conjunctura politica.

A Monarchia perdeu as dedicações que lhe restavam. Já vae longe o tempo em que a realzação tinha um altar em cada coração e em que o nome do soberano só era pronunciado de cabeça descoberta e de joelho em terra, como o nome de Deus. Os esforçados paladinos, que arrancavam a espada para defender as crenças e acceitavam, sem um murmuro, a ingratidão dos monarchas, foram substituidos pelo sr. José Luciano — um Sancho Pança e pelo sr. Antonio Cabral — um D. Quixote.

Não ha fervor monarchico. Ha o interesse. Antigamente, uma palavra do rei bastava para que um subdito se despenhasse n'um abysmo ou fosse morrer miseravelmente nos sertões calcinados da Africa. Hoje, o sr. Beirão declina a honra de servir o sr. D. Manuel e o sr. Sebastião Telles egualmente. O throno só tem á sua volta algumas vaidades que se querem satisfazer e alguns estomagos que se pretendem encher. A fé monarchica morreu com o advento dos partidos. A ultima convicção politica foi o cacete de D. Miguel. Depois d'isso, cada chefe de seita constituiu uma cõrte e o amor da idéa fragmentou-se e desviou-se do primitivo caminho.

N'estas condições, como resta-

belecer a antiga affluencia de dedicações á causa? Como rodear a corõa d'aquelle numero luzido de marechaes, que parecem abandonar-a?

Fazer o mesmo que fazem algumas mercearias, cuja concorrencia diminute — emitir bonus. E' este o conselho que se deve dar ao rei.

Está sabido que hoje não se é monarchico só com o desejo de ser util á Monarchia. Pelo contrario, é com o desejo de que a Monarchia seja util aos seus servidores.

Ora a Monarchia desacreditou-se. Já não dá garantias. Não se sabe se, de um momento para outro, ella quebrará. Apresenta um bello caixeiro, mas os generos adulterados e um pouco roubados no peso.

Que fazer?

O que fazem os merceeiros — dar bonus aos freguezes. Por cada dia de propaganda monarchica, uma senha. Por cada caderneta, um brinde.

E' socio da *Liga Monarchica*? Tem direito a um serviço de chá.

E' eleitor monarchico? Uma caixa de sabonetes ou um despertador com duas campainhas.

Tambem se deve applicar o systema ás investiduras de titulos. Viu-se como os homens do Porto não quizeram ser conselheiros, nem viscondes, nem irmãos da Ordem Terceira.

Porqué?

Porque não recebiam, em troca d'este sacrificio, algum beneficio — uma cigarreira, por exemplo. Quando se faz a um benemerito a pirraça de o tornar cavalleiro da Senhora da Conceição, dêem-lhe duas cadernetas do *Bonus Commercial* ou do *Bonus Marquez de Pombal*. E' assim que faz o merceeiro aqui debaixo quando lhe impinge um kilo de sabão.

O sr. D. Manuel, pois, que seja progressivo. Colloque a sua monarchia ao lado dos estabelecimentos do genero. Já que não pode fazer abatimentos — estão todos feitos — recorra ao bonus, invenção moderna e de reconhecida utilidade. Lembre-se S. M. de que *não é com vinagre que se apanham moscas*. Que diabo! um politico não é um philosopho, é um cliente, que precisa de um engodo.

Não ha outra maneira de arranjar adeptos. Depois da *Liga Monarchica*, com medico em casa, só falta — *O Bonus Monarchico*.

E. DE C.

Foi pena

E então não estivemos, vae não vae, a publicar o nariz do Beirão?

Ha tempos dizia-se esta phrase a qualquer descarado:

— Você tem vergonha de cão!

Agora os cães protestam e querem que se diga:

— Você tem vergonha de Espregueira.

Justissimo.

Pouca sorte!

Appetitosa pequena
Vi debruçada á janella,
Fina tez algo morena,
Formosa, distincta, bella,
— Linda como uma açucena.

Apaixonado fiquei
Ao vê-la assim tão viçosa;
E eu que nunca namorei,
Para o rosto da formosa
Então, mil vezes olhei!

Ternos em mim se fixavam
Os seus olhos vendo os meus,
Parecendo que expressavam
Só amor, os olhos seus
E de mim se enamoravam.

Julgando, dar-me ella sorte
Muito feliz me senti;
Mas preferia antes a morte
Quando cem caretas vi
N'um ar trocista bem forte!

Não só muito arreliado
Eu fiquei, portanto assim,
Mas, deveras *achatado*!
Não me dava sorte a mim...
Era ao vizinho do lado.

RALMIFIDA.

O criminoso da rua dos Alamos se quizer ganhar 50.000 réis apresente-se na Parreirinha.

Vae para a Penitenciaria mas ganha o premio,
Tambem só assim.

Chama-lhe nomes

Já sabem quem apoia o novo ministerio?

Não sabem?

E' o *Bacóco*!

Apesar de velho, ainda está por alli com coragem de aguentar sete homens.

E digam que elle já está manel cequinho...

A pimenta até cheira nas Necessidades...

Animatographo... vivo

O *Tlim*, uma das mais sympathicas figuras populares que Lisboa tem (com perdão do *Noticias*), foi preso sob a accusação de dar "vivas á Republica."

Se a logica não é uma *batata*, o dar vivas ou seja o desejar a vida a alguém ou a qualquer cousa não deve ser crime!

Aquelles *virosas* do *paiz da luz*, que vieram de Coimbra em maio do anno passado acclamar a mocidade *radiosa*, deram *morras* aos republicanos.

A policia não os prendeu, antes os salvou de uma tarefa inevitavel e merecida, valha a verdade.

Os *morras* representam morte.

Os *vivas* significam a vida.

Mas os que dizem: *morra!* desejando um mal, foram protegidos por essa cousa que por ahí anda de colleita ao pescoco com um numero, e o pobre *Tlim* que dá *vivas*, isto é, que vivifica uma ideia ou uma aspiração, vae preso como qualquer bandido.

E' que n'isto de *vivas* e *morras* ha distincções.

Ha *vivas* contractados a tanto por cabeça para as recitas de gala (O' *Elesbão*, estás lá?...) e ha *morras* pandilhas a pedir... férias.

Mas os *vivas* espontaneos são punidos pelo codigo... monarchico.

E' questão que é pesada qual zorra, Mas agora ha um certo arranjinho: Quem dá *vivas* lá vae p'rá *masmorra*, Quem dá *morras*... é mesmo um santinho.

Como a nossa *astuta* e *sábia* policia, que, cahiu do céu por não ter unhas, prohibiu o toque de qualquer instrumento nas ruas, salvo o telintar infame dos electricos e o rouquejar estúpido dos automoveis, os vendedores contractaram barytonos, baixos e tenores para exhibirem as suas cantorias pelas vias publicas.

E' um encanto!

Desde o romper da madrugada até ás tantas, as ruas da Baixa só deixam socegar os surdos e esses mesmos teem de tapar os ouvidos para não ficarem com dores de cabeça.

Um vende hortaliça e canta:
"E' horta de Sacavem,
Outro o *Zé* povinho espanta:
"A dez réis ou a vintem,".

Um a *laranja* apregôa
Com uma voz de "stentor",
Outro *massa* uma pessôa
Com cautelas sem valor.

Tlim... *tlim*... *tlim*... faz o electrico
Pó pó pó, canto ratão!
O' senhor's, que caso tetrico,
Ensurdede um cidadão.

Fala-se na probabilidade de uma guerra com a China.

Realmente seria cruel e o *Kin-fó* d'*Azevedo* deve evitar isso.

Obrigam um pobre portuguez a comer arroz com dois pausinhos é muito "dentro!"

Porque, a final, uma guerra com os *raioqueiros* Tchins... Bar... Da... lins só por troca.

Bolas!

Nós com ideia ratona,
É na maior das franquezas,
Iamos á valentona,
Sem receio de *intentona*,
Bater-nos com as... *chinezas*.

A nossa rica policia, que não descobre os assassinos nem prende os gatunos, tem agora uma tabella de serviço com 3 artigos.

Eil-a:

1.º prender as *toleradas*, para não faze-

rem concorrência aos *luminares* da moral publica e da... *sanitaria*;

2.º deitar a unha aos infelizes a quem a fome aperta e pedem esmola;

3.º multar quem sae depois das duas da noite de qualquer *restaurant*, o que é um crime grave.

Estes tres mandamentos encerram-se n'isto:

Dar dinheiro á Boa Hora
Onde campeia a malicia
E a *massinha* que avigora
O tal cofre da policia.

Não julgar os varios *Leandros*
Nem prender quem faz chinfirim,
Deixar em paz os *malandros*
E prender o pobre *Tlim!*

ORLANDO.

Grande gajo!

Fui ministro dos *tunantes*
E fui chamado marau,
Mas *gimbrei* nos *restaurantes*
E em vez do vil carapau
Tive pitéus abundantes
E *massas* a dar com pau.

.....
Dei *palmadas* nos pagantes
Fui palmante.

Então é mau?...

M. A. ESFREGUEIRA.

O sr. D. Manuel declarou que não desejava contrariar o *tio Zé* das *Per-ninhas*, na resolução da crise politica.

Era uma pena, contrariar aquelle *menino!*... Elle sempre ha cada um...

Bem feito!

Este *berbicacho* do ministerio foi uma d'estas trêtas...

Mas aquelles diabos imaginarão que o *Pagante* está tão doido ou palerma como as instituições?

Destaparam muito o jogo, o povo viu n'um instante a batota e fez-lhe, como merecia, um significativo adeus á S. Francisco.

Grupo Esperança

No passado sabbado, pelas nove horas precisas, realizou-se na sede d'este grupo, composto de vinte socios, uma opipara ceia, que decorreu no meio da maior animação, trocando-se affectuosos brindes.

Foram rancheiros os socios Carlos Pereira e Annibal V. Gomes que se esmeraram em apresentar um *menu* que a todos satisfizesse, conseguindo-o plenamente.

Apesar do alcool ter predominado no cerebro da maioria dos presentes, não houve a menor discordancia, sendo isto devido sem duvida ao respeito que todos os socios teem pelo seu illustre presidente o nosso amigo Campos.

Emfim uma noite agradabilissima e fazemos votos para que as futuras ceias, quando não possam supplantar esta, o que seria deveras difficil, a egualen tanto quanto possivel.

Ih! que penca

Se vissem a cara do Beirão, quando recebeu de novo o *convite á valsa*...

Aquelle nariz cresceu, sem exagero, mais um palmo bem puxadinho...

Garantimos que o padre Mattos foi chamado para organisar ministerio, mas não acceitou.

Está á espera que se resolva a questão vinicola, para convidar o sr. José Maria dos Santos para a pasta do reino, com vinho a dez tostões cada almude.

Sôr Redaitor

Istou mêmo o ca sa chama istefêto da minha vida.

Nan imagina vomecê as incomendas de Paschoas ca minha cachopa tem das suas freguezas.

Aquillo é mêmo dum home se vêr atolito. Bole daqui, bole dali, bole dalem.

O Manel, arranja um pequeno ca é para a sôra Simplicia ca sa vae a casar.

O' Manel, arranja oitro p'á sôra Maria Luiza, mas ca tenha um ramo d'*Ollevêra* com bagos.

O' Manel arranja mais oitro p'raquella fregueza donde a gente vio a procição dos Passos, mas essa quer um bem grande e com muito loiro por d'ê roda.

E' mêmo um nunca acabar de fazer ramos p'ras senhoricas da cedade.

Até p'ra vomecê ella quer mandar um e até se prantou em riba d'uma *Ollivêra* com o fito de apanhar um ramo dos mais floridos; por tal senal ca ella me chamou e é vil-o cá de baixo e sem aquella nenhuma, é bem bonito.

E' tambem istava com a minha aquella de le mandar um cabrito, ma como a minha serva de Deus ainda nan deo a sua *zelinvrança* como diz cá o boticaio, nan sê se lo poderê mandar.

Acête muntas saiodades do sê

MANEL CÉGUINHO.

Olliverinha da Ronha. Logar da Fronha. — 4-4 909.

Posto dos escriptos.

Sa cazo vomecê soiber d'alguma cartêra pratida de S. Bento ca sa venda barato, mande dezer para o *Zé* da Charneca ma trazer pra-riba na sua carroça d'elle.

Não pode ser!

Mas então já ninguém fala no *Espregueira*?

Então, lá por deixar de ser ministro acabou-se a policia secreta?

MAS QUEM É QUE GOVERNA AQUI?



D. JOSE II (O BACÔCO) REI DE PORTUGAL EDOS ALGARVES D'AQUEM E D'ALEM MAR EM AFRICA E AZAMBUJA

BELISCÕES

Ai tão lindos!

Ai que ricos filhos!

Ai que belleza d'homens!

Os marceneiros estão muito reconhecidos aos illustres deputados pela quantidade de carteiras que teem partido a murro.

Quem não está satisfeita é a gente das justiças d'El-Rei, porque isso a elles não lhe deixa nada.

Olhem lá; façam a zaragata cá na rua e em vez de esmurrar carteiras esmurrem as ventas uns aos outros.

Ao menos sempre davam interesse as ratazanas, officiaes e beaguins da Boa Hora que andam mesmo a pedir chuvia, apesar de ter cahido tanta!

Fazem favor de acabar com essas linguas viperinas: Como? pôde lá ser o sr. Espregueira ter-se cortado?

Isso não se diz assim á quisma-roupa a um illustre conselheiro de estado!...

Elle se se adeantou foi meramente por a gravidade das circumstancias; foi sem querer; foi um descuido. Ora ahí está. Más linguas!

Então se houver crise, é o sr. Beirão quem vae organizar ministerio?

Organize, senhor conselheiro, organize. Antes um governo narigudo, do que com orelhas de burro.

Desde já lhe recommendamos, para lhe evitar massadas, o Christiano de Souza do theatro do Principe Real, o Pina scenographo, o Silva pençudo e o nosso collega Pichiriné.

Na quinta feira não houve sessão nas côrtes, para descanso dos trabalhos parlamentares.

E bem precisavam.

Esta coisa de partir carteiras a murro deve fatigar muito, e sobretudo maguar as mãos.

Descancem, filhos, descancem.

E em estando melhorzinhos, enchem-se de coragem, partam o resto da cangalhada, vendam os cacos ao Nobre do mer-

cado de S. Bento e vão-se embora para casa.

E' o melhor que teem a fazer; e sobretudo é uma limpeza.

Um nosso sympathico collega humoristico, diz zangadissimo (e com muita razão): Que aos actos do sr. Espregueira se devia proceder a um inquerito.

O' filho, eu fiquei *banzado* com a tua innocencia, meu velho amigo e mestre!

Póis tu, collega amigo, não sabes que esta coisa de inqueritos, é uma especie de abortos? Começam, mas nunca chegam a formar-se por completo.

São desmanchos.

No velho paiz da ronha,
Sem massa, crédito, ou merito
Onde gimbra a sem vergonha,
Para que serve o inquerito?

ZÉ DA HERDADE.

Serias...

Eis-nos na semana santa
Cheios de unção e de fé,
E se a crença não se espanta,
Toda a nossa alma se encanta
Na Graça, S. Roque e Sé!

Martyres, S. Nicolau,
Loreto, ou mesmo S. Roque,
Num passeio nada mau,
Nós vamos passar a vau
Das multidões no reboque.

Ver as pequenas catitas
Dando lascivo apalpão
Proprio das almas bemditas,
Depois, relembrar as ditas
Visitando a... Encarnação.

OSCAR.

Opiniões

A proposito do Espregueira dizia hontem um typorio ministerial:

Aquillo é que é um homem. «Com aquella idade tem uma cabeça rija como um ferro...»

Ha quem não seja da mesma opiniao.

Rija, sim, mas como o ferro?... Ora adeus!

Nada de confusões.

Ordem natural das coisas

Topaste agora o tópo do morrer
No tópo de uma vida bem topada;
Topaste grossa massa amontoada
No tópo do teu épico viver.

Topaste a ambição de muito querer
No tópo da ganancia desbragada;
Topaste gente infame contractada
Em tópos de esbanjar e peryverter.

Topaste bellos rôlos de tabaco,
Topaste bom charuto forte e fraco;
Até topaste o fino, o coroadado.

E sendo pelo *Tópa* conhecido
E tantos tópos tendo conseguido,
Até um dia tu foste topado.

STYL.

Só esse

No estado em que tudo isto está,
só o *Rei da Madureza*, de saudosa memoria, dava um presidente de conselho!

Não é verdade, que dava?

N.º 23 — FOLHETIM DO "XUÃO" — 6 de abril

As seis mulheres do sr. Pingouin

CAPITULO XIII

Os Irmãos da Morte

O quarto era fracamente allumiado por um candieiro de luz meio baixa e com um globo branco.

A rapariga fêl-o sentar ao lado d'ella n'um sophá; elle obedecia sem resistencia.

A Gabri, apertando-lhe a mão, murmurou em tom apaixonado:

— Como és boirto por teres vindo a casa da tua mulherzinha!

E enlaçou-o ternamente, tendo comtudo grande cuidado de evitar os labios odoriferos do sr. Pingouin, que estava transportado de ventura.

O pobre homem não achou nada que responder. Resmungou uns vagos monossylabos que a Gabri fingiu comprehender.

— Ah! meu Theophrasto adorado, conti-nuou ella em voz alta e empurrando uma cadeira para encobrir um leve ruido que parecia vir do canto mais escuro do quarto, ha-vemos de nos amar muito... Conta-me como te pudeste safar.

O ex-salsicheiro tomou um pouco de aprumo e contou como tinha empregado o dia.

— Agora, minha joia, se nós fossemos dormir?

Elle não queria outra coisa. E n'um abrir e fechar de olhos, os dois amantes despiram-se e metteram-se dentro dos lençãos.

Antes d'isso a Gabri tinha baixado a luz, e o quarto ficou então n'uma sombra favoravel ao mais amavel dos *sports*.

Que se passou então entre o nosso heroe e a sua conquista?

Não foi grande coisa, estejam certos; tudo ficou em meias tintas. Depois de alguns gracejos apenas arriscados, o Theophrasto, tão incandescente como um bico Auer, quiz tomar a cantora nos braços.

Ella resistiu e, dando um gritinho de ave prisioneira, parecia quasi a succumbir, quando a luz do candieiro, levantada por mão invisivel, inundou de repente o quarto de uma claridade sangrenta; o globo fizera-se de um vermelho vivo!

Então, do fundo do quarto, tres penitentes vestidos com habitos compridos tór de cima com dois buracos no sitio dos olhos, avançaram psalmodiando n'um *rythmo* lugubre:

Pingouinus asinus es!
Tityre ta patulce recubans
Sub tegmine fagi ... agricola etc.

Eram o Jorge o Dufour e o Sécigner que, escudidos até então atraz de um reposteiro, tinham esperado pelo momento de apparecerem para pregarem uma sinistra peça á sua victima.

Quando os viu, a astuciosa Gabri, rindo á socapa, fez menção de desmaiar.

Quanto ao sr. Pingouin, depois de um sobressalto de espanto e de susto, tornou a cahir sem forças na cama, sem pensar sequer em chamar por socorro.

Com uma lentidão imponente, os penitentes aproximaram-se e, acabado o canto, o mais alto, que estava no meio, tomou solemnemente a palavra, dizendo:

— Não tens razão nenhuma para tremer, Pingouin, toma animo e faze-te homem! Nós vimos aqui, enviados pelos Irmãos da Morte, porque a nossa poderosa sociedade vigia-te ha muito tempo. Sabemos agora que não és culpado, que tua mulher é que tem a culpa de tudo e que tu não passas de uma besta. E' exacto?

— Ah! Sim... senhores ir... irmãos da Morte, tem muita razão... eu...

— Silencio! disse o penitente da direita com voz de baixo profundo.

O penitente alto continuou:

— Pingouin, vamos julgar-te. Compareces deante de um tribunal que não perdôa aos culpados mas que absolve os innocentes. Responde sinceramente ás nossas perguntas. Se mentires, sofrerás a tortura pela agulha, pelo ferro e pelo fogo. Irmãos, tragam o caixão!...

Ouvindo estas palavras, o Theophrasto sentiu tódo o sangue coaghar-se-lhe nas veias. A surpresa dava lugar ao medo. A chegada súbita e inesperada dos tres penitentes, os seus modos theatraes e mysteriosos recordaram-lhe os romances tetricos que tinha lido.

Esqueceu-se da Gabri, de que estava n'uma hospedaria que não tinha nada de phantastico, e julgou que tinha cahido em poder de uma associação secreta contra a qual era impossivel toda a resistencia.

Inundava-lhe a testa um suor frio.

Emquanto o assaltavam estas imagens pouco reconfortantes, dois dos penitentes tinham posto no meio do quarto uma especie do cofre rectangular coberto com um panno preto semeado de lagrimas de prata, e haviam-se collocado um de cada lado de mãos postas.

O frade alto, que não era senão o Dufour, disse então:

(Continúa).



Celestino da Silva

O feliz auctor da revista **A Pavorosa**, em pleno successo na Rua dos Condes que, com Luz Junior maestro e actual empresario, realiza hoje a sua festa.

Um musico, um auctor, dois catinhas...
Dois typos que o talento consagrou.
Um como revisteiro triumphou,
Como maestro o outro dá cartinhas...

Se Celestino é mestre em piadinhas
O outro tem canção que já marcou.
Se atraz do Luz, Celeste não ficou
O Luz sempre Celeste acompanhou.

O Luz, dando resina na rebecca,
Escolheu auctor feliz p'ra sua empresa,
Porque hoje é dos catitas empresarios.

Correu o Celestino "secca e mécca",
E se hoje nas revistas marca á tesa,
Deve-o a elle, á musica, ao scenario.

PICHIRINÉE.

Os sete sentidos

I

Lá se foi o governo dos perus
D'esta vez, meu leitor, por agua abaixo,
Largou o grande Henriques o pennacho
E os projectos que tinha em mil bahús!

Quem serão esses outros homens crús
Que irão pôr-se de rastos no capacho?
O sabel-o é custoso, é o diacho,
Pois que dizem que isso é conforme os c...

Será o Wenceslau ou o Sarmento
Ou outro dos que bem sabem comer
Virando toda a vez qual catavento?

Caiba lá o pennacho a quem couber,
Que venha o ministerio já nojento,
Que é p'rá gente se rir, p'rá gente Vêr.

Viu-se-Grego.

Theatradas

Falar em theatros na semana santa é
disparate de marca X. P. T. O.

O cartaz da semana tem certamente de
ser, theatralmente falando, isto:

S. Nicolau — Ladainha e cantochão;
Martyres — Exposição do calvario e ser-
mão pelo reverendo F. de tal e cõusas;
Magdalena — Catecheses e praticas reli-
giosas com sessões permanentes para os
fiéis.

Só falta animatographo com *A vida de
Christo*, acompanhado a órgão e o Rava-
chol a explicar as fitas e a chamar os
crentes.

A D. Raymunda, que mora por baixo de
nós, na sobreloja, e que tem uma filha
que é mesmo um anjinho de precissão,
poz no seu programma uma visita a qua-

torze egrejas. No sabbado de Alleluia
bate-se no

Colyseu dos Recreios, assistindo á bella
companhia de opera italiana que o nosso
bom amigo e commendador Santos conse-
guiu organizar e de que nos dizem ma-
ravilhas.

A D. Raymunda deve ter os seus cin-
coenta, mas, bem *apparelhada*, pintadinha
e animada com dois calices de Père Ker-
mann, vale tres vezes a filha que, no ge-
nero *lesma*, dá sota e az ás mais sonsas e
delambidas.

Ainda ha noites, quando fomos a
D. Maria vêr a bella peça de Sardou, *A
Pista*, um commovente drama que tem
scenario de Augusto Pina e magnifico des-
empenho, lá a vimos, n'um camarote, toda
a derreter-se.

Com um olho chorava, com o outro ca-
trapiscava, e com a bocca comia bolos que
era uma consolação, mas fazia tudo isso
ao mesmo tempo, com uma tal indolen-
cia que parecia manteiga fresca sem a
minima pedra de sal.

A mãe era e é precisamente o contra-
rio. Cinco ou seis homens não a levam á
parede. Elles é que teem de cabir de jo-
elhos ante ella que, n'este caso, se não
pode classificar de inimiga mas sim de...
amiga.

Pois a D. Raymunda já alugou um ca-
marote para o

D. Amelia que no sabbado nos delicia
com a bella *tournee* da grande actriz ita-
liana Tina di Lorenzo que a *Fifi*, nome
por que é conhecida a gentil filha da mãe
Raymunda, traduz pela *tina do Lourenço*,
que é o moço que lhe faz os recados.

E como continúa em pleno successo a
revista *A nove*, no

Avenida, onde se realiza a festa do *Xuão*
brevemente com um programma de *in pen-
ca*, parece-nos que os jejuns e orações das
nossas vizinhas devem ter uma compen-
sação condigna.

Na quarta, quinta e sexta feira baca-
lhau ou pescada sem theatros nem pan-
degas amenas. No sabbado theatrice em
S. Julião ao meio dia ou uma hora, e á
noite no *Colyseu dos Recreios*.

Depois no domingo ida a
D. Amelia, na segunda feira rir á valen-
tona com as facecias das bellas come-
dias do

Gymnasio, na terça a opera *Serrana*, can-
tada em portuguez na

Trindade que o Taveira tão dignamente
dirige em pró da arte nacional.

Na quarta um bocadinho de tristeza, na
bella peça o *Envelhecer*, de Marcellino de
Mesquita, que vae no

Principe Real, onde tem feito um successo
justificadissimo e na quinta, brincadeira
amena na

R. dos Condes, onde a *Pavorosa*, mais uma
excellente revista do Celestino, dá enchen-
tes consecutivas.

Na sexta, visita ao Senhor dos Passa-
ros da Graça e depois o

Casino Etoile da calçada da Estrella que
tem lá uma companhia de variedades de
primeira e á volta o

Salão do Rocio com a petizada a repre-
sentar lindas cançonetas, duettos e ter-
cettos, além do animatographo que é dos
bons.

No sabbado finalmente a bem cantada e
aristocratica opera no bello:

Colyseu dos Recreios e...

Ora ahi está
Como isto caminha
N'uma eterna festa
Que custa *massinha*.

Ora ahi está
N'esta secção
Onde gastar
Um dinheirão.

A vizinha Raymunda lá sabe onde vae
buscar o dinheiro para isso tudo.

Naturalmente alguma *bolsa* tem de ficar
despejada.

A da filha não é, que essa, asseguramos
nós que não tem nem um vintem.

Tinha tres, mas um maroto tirou-lh'os.

REPORTER.

A PÊTA DO 1º DE ABRIL



INFELIZMENTE NADA D'ISTO SUCCEDEU; SE ASSIM FOSSE EU CANTARIA O...
AI BALANCÉ, BALANCÉ etc etc...